

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

1º BIMESTRE

AUTORIA

MIRIAN MARIA DA SILVA DUARTE

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

Você vai ler agora um fragmento do livro “O guarani”, obra indianista de José de Alencar, publicada em 1857. Trata-se do capítulo em que o índio Peri, herói da narrativa, faz uma demonstração de sua bravura e coragem ao enfrentar e subjugar um tigre na floresta onde vivia.

IV

CAÇADA

Quando a cavalgata chegou à margem da clareira, aí se passava uma cena curiosa.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham rogar com as pontas negras o pescoço flexível.

Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flechas com a mão direita calda, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forçado de pau enegrecido pelo fogo.

Perto dele estava atirada ao chão uma clavina tauxiada, uma pequena bolsa de couro que devia conter munições, e uma rica faca flamenga, cujo uso foi depois proibido em Portugal e no Brasil.

Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distancia, e se agitava imperceptivelmente.

Ali por entre a folhagem, distinguíam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

Batia os flancos com a larga cauda, e movia a cabeça monstruosa, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo; uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas, e mostrava a linha de dentes amarelos; as ventas dilatadas aspiravam fortemente e pareciam deleitar-se já com o odor do sangue da vítima.

O índio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco seco, não perdia um só desses movimentos, e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se, e ia formar o salto, quando a cavalgata apareceu na entrada da clareira. Então o animal, lançando ao redor um olhar injetado de sangue, eriçou o pêlo, e ficou imóvel no mesmo lugar, hesitando se devia arriscar o ataque.

(...)

O tigre tinha-se voltado ameaçador e terrível, aguçando os dentes uns nos outros, rugindo de fúria e vingança: de dois saltos aproximou-se novamente.

Era uma luta de morte a que ia se travar; o índio o sabia, e esperou tranqüilamente,

como da primeira vez; a inquietação que sentira um momento de que a presa lhe escapasse, desaparecera: estava satisfeito.

Assim, estes dois selvagens das matas do Brasil, cada um com as suas armas, cada um com a consciência de sua força e de sua coragem, consideravam-se mutuamente como vítimas que iam ser imoladas.

O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou a coisa de quinze passos do inimigo, retraiu-se com uma força de elasticidade extraordinária e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio.

Foi cair sobre o índio, apoiado nas largas patas detrás, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua vítima, e os dentes prontos a cortar-lhe a jugular.

A velocidade deste salto monstruoso foi tal que, no mesmo instante em que se vira brilhar entre as folhas os reflexos negros de sua pele azevichada, já a fera tocava o chão com as patas.

Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela força e agilidade.

ATIVIDADE LEITURA

QUESTÃO 1

Os escritores românticos elegeram o índio como símbolo da nacionalidade brasileira a fim de valorizar o passado histórico nacional, assim como os autores europeus fizeram com o cavaleiro medieval. Sendo assim, identifique no texto gerador I:

- a) Características dadas ao índio Peri de valorização de suas atitudes, elevando-o a posição de um herói.
- b) Informações que relacionam o índio com a vida selvagem.

Habilidade trabalhada

Identificar nas obras literárias estereótipos e discriminações quanto à presença negra e indígena.

Resposta comentada

Um breve histórico sobre quem era o cavaleiro medieval para os europeus faz-se necessário para que o aluno perceba a importância, para os românticos, da valorização do aspecto histórico da nação, como busca da identidade nacional tanto almejada pelos artistas desse período histórico. Lembrar os alunos que o Brasil não viveu a época medieval, pois foi descoberto apenas no século XVI, fará com que entendam o porquê do índio ter sido o escolhido para representar a cultura brasileira.

Após essa explicação, o aluno deve ser capaz de verificar no texto, já na descrição que Alencar faz de Peri, que o índio não é um ser ingênuo, de porte físico frágil e de aparência desprezível. Ao contrário, ele é descrito como possuidor de *“beleza inculta da graça, da força e da inteligência”*. Além disso, sua aparência impunha respeito e admiração: *“Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa...”* *“um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida.”* Tais características preparam o leitor para a cena seguinte em que Peri domina o animal mais temido da floresta brasileira, em virtude de sua força, agilidade e esperteza: o tigre. Todos esses atributos do animal se esvanecem diante dos atributos de Peri, que não se intimida na presença do animal: *“Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela força e agilidade.”*

A resposta da letra **“B”** é uma extensão da resposta da letra **“A”**, pois a caracterização de Peri automaticamente o relaciona à vida selvagem, já que sua vestimenta apresenta elementos da fauna brasileira (*“penas”*) e seu encontro com o tigre revela sua familiaridade com a vida selvagem: *“Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mutuamente,...”* *“Assim, estes dois selvagens das matas do Brasil, cada um com as suas armas, cada um com a consciência de sua força e de sua coragem, consideravam-se mutuamente como vítimas que iam ser imoladas.”*

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

Usa-se a **metáfora** quando se deseja atribuir a um termo as qualidades de outro, num processo de comparação sem o uso de termos comparativos (como, igual, etc). Assim sendo, identifique no fragmento abaixo o uso da metáfora usado pelo narrador para referir-se aos olhos do tigre e explique a semelhança entre os dois elementos.

“Ali por entre a folhagem, distinguam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.”

Habilidade trabalhada

Identificar as figuras de linguagem presentes na estética romântica.

Resposta comentada

No primeiro ciclo desse estudo, a metáfora já foi analisada nos poemas românticos. Agora, é a oportunidade de consolidar esse conhecimento, verificando essa figura de linguagem na prosa de José de Alencar. Percebe-se que para referir-se aos olhos do tigre, Alencar usa a metáfora “*raios vítreos*”, desejando descrever a luminosidade dos olhos do animal refletida como em vidro. Contudo esse brilho não é límpido, intenso, mas “*pálido*”. Verifica-se que a comparação se dá de uma forma implícita, sem uso de conectivos, e que a presença do elemento comparado “*olhos*” é percebida pelo contexto da narrativa. A camada transparente que cobre os olhos e que reflete o brilho da luz é associada por Alencar ao vidro “*vítreo*” em contato com a luz “*raios*”.

QUESTÃO 3

A coesão textual é responsável pela construção de um texto compreensível e agradável de se ler. Fazendo uso da coesão referencial, podemos resgatar termos ditos anteriormente sem repeti-los. Identifique no trecho abaixo, a quem se referem os pronomes relativos destacados.

“Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham rogar com as pontas negras o pescoço flexível.”

Habilidade trabalhada

Reconhecer mecanismos de coesão referencial e sequencial.

Resposta comentada

É importante falar aos alunos das classes gramaticais que geralmente atuam na coesão referencial. Os pronomes (demonstrativo, possessivo, relativo, pessoal reto e oblíquo), assim como os advérbios e os artigos constituem mecanismo de coesão do texto. No caso do trecho acima, usam-se os pronomes relativos “*a qual*” e “*que*” para resgatar um termo já mencionado anteriormente (anáfora). O primeiro (à qual) retoma o termo “*fita de couro*”, enquanto que o segundo “*que*” retoma “*duas plumas matizadas*”.

TEXTO GERADOR II

O texto que você irá ler agora faz uma descrição da protagonista de O Guarani, Ceci, filha de D. Antônio de Mariz, fidalgo português, um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro. Percebem-se na moça os traços típicos da mulher européia. Junto a ela, descreve-se, muito que brevemente, a personagem Isabel, prima de Ceci, porém com traços tipicamente brasileiros.

V

Loura E Morena

Caía a tarde.

No pequeno jardim da casa do Paquequer, uma linda moça se embalançava indolentemente numa rede de palha presa aos ramos de uma acácia silvestre, que estremecendo deixava cair algumas de suas flores miúdas e perfumadas.

Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as pálpebras rosadas.

Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor da gardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o hálito doce e ligeiro exalava-se formando um sorriso. Sua tez alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de-rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas.

O seu traje era do gosto o mais mimoso e o mais original que é possível conceber; mistura de luxo e de simplicidade.

(...)

Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e caíam em volta do pescoço presos por uma rendinha finíssima de fios de palha cor de ouro, feita com uma arte e perfeição admirável.

A mãozinha afilada brincava com um ramo de acácia que se curvava carregado de flores, e ao qual de vez em quando segurava-se para imprimir à rede uma doce oscilação.

Esta moça era Cecília.

(...)

Neste ponto do seu sonho, a portinha interior do jardim abriu-se, e outra moça, roçando apenas a grama com o seu passo ligeiro, aproximou-se da rede.

Era um tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e

vivacidade.

Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível.

Ela parou em face de Cecília meio deitada sobre a rede, e não pôde furtar-se à admiração que lhe inspirava essa beleza delicada, de contornos tão suaves; e uma sombra imperceptível, talvez de um despeito, passou pelo seu rosto, mas esvaeceu-se logo.

Sentou-se numa das bandas da rede, reclinando sobre a moça para beijá-la ou ver se estava dormindo.

Cecília, sentindo um estremecimento, abriu os olhos e fitou-os em sua prima.

--Preguiçosa!... disse Isabel sorrindo.

--É verdade! respondeu a moça, vendo as grandes sombras que projetavam as árvores; está quase noite.

--E desde o sol alto que dormes, não é assim? perguntou a outra gracejando.

--Não, não dormi nem um instante, mas não sei o que tenho hoje que me sinto triste.

--Triste! tu, Cecília? não creio; era mais fácil não cantarem as aves ao nascer do sol.

--Está bem! não queres acreditar!

--Mas vem cá! Por que razão hás de estar triste, tu que durante todo o ano só tens um sorriso, tu que és alegre e travessa como um passarinho?

--É para veres! Tudo cansa neste mundo.

--Ah! compreendo! estás enfastiada de viver aqui nestes ermos.

--Já me habituei tanto a ver estas árvores, este rio, estes montes, que quero-lhes como se me tivessem visto nascer.

--Então o que é que te faz triste?

--Não sei; falta-me alguma coisa.

--Não vejo o que possa ser. Sim!... já adivinho!

--Adivinhas o quê? perguntou Cecília admirada.

--Ora! o que te falta.

--Se eu mesma não sei! disse a moça sorrindo.

--Olha, respondeu Isabel; ali está a tua rola esperando que a chames, e o teu veadinho que te olha com os seus olhos doces; só falta o outro animal selvagem.

--Peri! exclamou Cecília rindo-se da idéia de sua prima.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 4

Na literatura romântica é muito nítida a idealização da mulher como um ser casto, de exuberante beleza e de caráter ilibado. No texto gerador II há um contraste na descrição de duas mulheres, uma de origem européia e outra tipicamente brasileira. De acordo com as escolhas linguísticas do autor, identifique no texto a diferença que se estabelece entre as duas personagens descritas e o que isso transmite ao leitor a respeito da visão que se tinha da mulher brasileira no século XIX.

Habilidade trabalhada

Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época.

Resposta comentada

O aluno deve perceber o tempo que Alencar se demora em descrever Cecília, dando minúcias de seu aspecto físico, estado emocional e atitudes. A descrição de Isabel é breve,

contudo deixa transparecer as características provocantes da mulher brasileira em oposição à portuguesa. Pode-se construir com os alunos o seguinte quadro comparativo:

| CECÍLIA | ISABEL |
|------------------------------------|----------------------------------|
| Olhos azuis | Olhos negros |
| Cabelos louros | Morena pretos |
| Branca | Morena |
| Demonstrava languidez e indolência | Demonstrava vivacidade e malícia |
| Sorriso doce | Sorriso provocante |
| Delicada | Sensual |

O aluno deve saber que Isabel, na trama de Alencar, é filha bastarda de D. Antônio de Mariz (português) com uma índia. Isabel é apresentada a todos como sobrinha de D. Antônio. Essa informação levará o aluno a perceber como a população brasileira se formou ao longo dos anos de colonização. Isabel representa a mistura de raças que é o povo brasileiro, enquanto Ceci representa o ideal romântico de mulher divinizada.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

Sujeito e predicado são os dois termos essenciais que formam a oração. **Sujeito** é sobre quem se declara algo, enquanto que o **predicado** é a declaração que se faz sobre o sujeito. Algumas vezes o sujeito está visível na oração (sujeito simples ou composto), outras, porém, embora perceptível, não aparece (sujeito oculto). Observe os fragmentos retirados do texto e identifique o sujeito dos verbos em destaque.

- a) “*— Não, não dormi nem um instante, mas não sei o que tenho hoje que me sinto triste.*”

- b) “--Mas vem cá! Por que razão hás de estar triste, tu que durante todo o ano só tens um sorriso, tu que és alegre e travessa como um passarinho?”

Habilidade trabalhada

Identificar os termos essenciais da oração.

Resposta comentada

Uma revisão dos tipos de sujeito cabe muito bem nesse momento da atividade, fazendo uso do próprio texto gerador II. Após a revisão, o aluno será capaz de identificar no trecho da letra “A” que o sujeito está elíptico, isto é, está subtraído da estrutura oracional, contudo pode ser facilmente percebido pela desinência das formas verbais “*dormi*” e “*tenho*”, que são formas fixas da primeira pessoa do singular do pretérito perfeito e presente do indicativo, respectivamente. Portanto, o sujeito “*eu*” encontra-se oculto.

Já na letra “B”, o sujeito das formas verbais “*tens*” e “*és*” encontra-se presente e claro na frase: “*tu*”. O aluno poderá perceber que nos dois trechos há outros verbos não destacados nessa atividade, por razão de se objetivar a identificação de apenas um tipo de sujeito em cada trecho. Nesse caso, o professor pode dar segmento à atividade deixando que os alunos identifiquem que nas formas verbais “*sinto*” (letra a) e “*vem*” e “*hás*” também tem como sujeito oculto “*eu*”.

REGISTRO DOS RESULTADOS PEDAGÓGICOS DECORRENTE DA IMPLEMENTAÇÃO DO ROTEIRO DE ATIVIDADES

Como eu vinha pontuando nos fóruns, tive em minha escola vários impedimentos, como falta de água, grandes temporais com queda de energia, que resultaram na suspensão das aulas, justamente nos dias em que dou aula para a turma do 2º ano. Isso atrasou a aplicação do primeiro RA e, conseqüentemente, a aplicação desse elaborado originalmente. Sendo assim, não possuo uma avaliação específica desse RA, mas sim, das atividades em geral.

Realmente, a exibição de vídeos, audição de músicas de interesse dos alunos têm trazido bons resultados na aprendizagem dos conteúdos propostos. As mudanças têm sido gradativas. Os alunos ainda apresentam muito desinteresse pela leitura, necessitando da intervenção constante do professor a fim de que façam as atividades. Também ainda há muita resistência na elaboração de textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEREJA, Wlilian Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens. Vol. único**, editora Atual, São Paulo, 2003.

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/jose-de-alencar/o-guarani-1.php>

<http://www.brasilecola.com/redacao/resumo-texto.htm>